

O túmulo aberto: Nancy Huston relendo Romain Gary

Claudia Maria Pereira de Almeida

Tese de Doutorado em Letras Neolatinas – Língua Francesa
e Literaturas de Língua Francesa
Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Orientadora: Celina Maria Moreira de Mello

A tese de Doutorado em Letras Neolatinas – Língua Francesa e Literaturas de Língua Francesa – defendida por Claudia Maria Pereira de Almeida em 15 de janeiro de 2004, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, de um lado anuncia a leitura e análise da obra de uma autora da contemporaneidade, de valor literário reconhecido não apenas entre seus leitores, mas também por instâncias legitimadoras tanto do Canadá quanto da França; de outro o *corpus* selecionado para o estudo da obra *Tombeau de Romain Gary* leva a reler Romain Gary (1914-1980), por intermédio de Nancy Huston (1953), e a remontar a três décadas no tempo para reencontrar Émile Ajar em *Gros Câlin* (1974). Quem já leu essa narrativa abracadabrante jamais poderá esquecer seu bom humor, o mesmo que perpassa a obra ficcional do escritor francês de origem russa, que se tornou célebre pelo romance *Racines du ciel* (1956), prêmio Goncourt, e por *La vie devant soi* (1975), escrito sob o pseudônimo de Émile Ajar, que lhe valeu o ineditismo de receber o prestigiado prêmio duas vezes.

Com o objetivo de estudar os procedimentos utilizados pela autora “canadense, de origem francesa por adoção”, na recepção do texto de Romain Gary, Claudia Almeida evidencia a intertextualidade, a reflexividade e a ironia. *O túmulo aberto: Nancy Huston relendo Romain Gary* traz à luz o autor falecido, resgata o personagem do ventríloquo, explorado por ele e por seu pseudônimo Émile Ajar, e permite ainda a “configuração da cena da enunciação enquanto espetáculo”. Para tal, a autora da tese redefine o gênero *tombeau* e o contrapõe a outros gêneros (a biografia e o ensaio), os quais, segundo ela, “asseguram um caráter híbrido” ao texto em análise, para desconstruir o elogio – característica do gênero – e, via Nancy Huston, reafirmar a literariedade da obra.

Encontram-se nessa pesquisa os pontos fundamentais necessários à sustentação de uma tese. Entre eles, notadamente, o de contribuir para a ampliação do pensamento crítico, ao aproximar, de forma criativa e origi-

nal, dois importantes autores da literatura universal, ambos avessos às identidades precisas, paradoxalmente preocupados com a impossível busca identitária. A convivência entre Huston e Gary não é um acaso, pois os temas caros a ele – o enraizamento, a pertença, a memória e a relação com o passado e a perda desse passado – estão presentes na obra da escritora. Traduzidos em várias línguas, ambos são agora postos em paralelo pela primeira vez no Brasil. Além da criatividade dessa escolha, articula-se no trabalho de Claudia Almeida um amplo instrumental teórico e metodológico oferecido para a análise de questões interliterárias, interdiscursivas e interdisciplinares, em diversos campos da investigação literária e cultural, o que vem comprovar serem os caminhos da criação marcados por encontros e desencontros, sendo o papel da memória decisivo nesse processo.

Um trabalho objetivo, via de regra, é pouco extenso. Contribuí para a elaboração contida da tese ora recenseada a ausência das epígrafes introdutórias de capítulos, bem como a de tradução dos excertos ficcionais e críticos, tradução esta que no âmbito da Academia pode ser desnecessária, mas de importância cada vez mais acentuada nos processos de relações intra e interliterárias como recurso indispensável ao conhecimento do Outro.

Quanto ao sumário, caracterizado por uma estrutura enxuta, ele apresenta em suas partes curtos títulos abertos, introduzidos por uma “Roda de leitura” e concluídos por uma “Corrente infinita”. Esta, obedecendo às normas de conclusão de uma tese, aponta para além da própria tese. Tanto a apresentação econômica quanto a terminologia escolhida para os títulos e subtítulos se caracterizam por uma abordagem mais ampla e genérica que dispensa a referência explícita ao *corpus* eleito, mas que se vale de conceitos e termos-chave sustentáculos do trabalho: *poiesis*, ironia, língua, gênero, em suas definições e fronteiras, abordagens fundamentadas por teóricos de renome, em enfoque que precede as definições de *tombeau*, biografismo, estética da recepção, ensaio e texto na pós-modernidade.

Na inovadora trajetória estabelecida por Claudia Almeida, são empregados conceitos e definições de termos com clareza e exatidão: do entre-lugar ao exílio, passando pelo hibridismo, definindo a ironia, a judeidade e incluindo bem-contextualizadas reflexões a respeito da cenografia e da intertextualidade. Arquitetura-se assim *O túmulo aberto: Nancy Huston relendo Romain Gary*, e a leitora ou o leitor vai sendo conduzida(o) ao entendimento do diálogo de Huston com o escritor, em *Tombeau de Romain Gary* (1995), cuja relação – da autora com seu ídolo, ora questionado, ora

criticado – Claudia Almeida entrecruza e transforma em trabalho acadêmico, em um jogo de palavras, significados e pertinentes associações.

No resgate dessa conversa, Huston ilumina com ternura a vida e as sombras com que o escritor russo-francês cercou sua vida, cansado de ser famoso aos sessenta anos, pois aos 39 já tinha escrito mais de trinta livros, conquistado numerosos prêmios, transformando-se em um dos mais bem-sucedidos e admirados escritores na França.

Resulta a tese de Claudia Almeida em uma construção elogiável, cujo título não poderia ser mais apropriado, um entrecruzamento que busca cernir as figuras múltiplas de duas grandes expressões do universo literário, mas que dispensa considerações caudalosas, detalhes, minúcias inferíveis, para privilegiar a economia de notas referenciais e explicativas. É no corpo textual que são inseridos os esclarecimentos necessários, à medida que surgem autorias consagradas, um aporte teórico adequado, salientando-se Hans Robert Jauss, Luiz Costa Lima, Régine Robin, Paul Ricoeur, Pierre Bourdieu, Linda Hutcheon, Dominique Maingueneau, Gérard Genette, Antoine Compagnon, convocados nesta ordem. Além disso, farta documentação crítica contém criteriosas referências capturadas na Internet, as quais revelam a extensão da pesquisa realizada. Cabe ressaltar ainda a escolha das citações, reunidas e relacionadas de modo orgânico, extraídas diretamente das fontes, o que não deixa de ser digno de destaque. Em seu conjunto, os excertos, ao mesmo tempo em que contribuem para a argumentação e para a apreensão dos autores em estudo, revelam a seriedade e a cientificidade do trabalho.

A escolha de uma autora canadense no Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da UFRJ, na área de concentração Língua Francesa e Literaturas de Língua Francesa, merece igualmente registro. Essa escolha está justificada na página 17 da tese, em que se lê a confirmação de uma pertença voluntária (ainda que ambígua) de Nancy Huston à nacionalidade francesa – língua amada, do amor e da escritura. Claudia Almeida, porém, não deixa de vincular Huston ao Canadá, país onde ela nasceu, e explorar suas especificidades culturais e lingüísticas, para remeter à francofonia das Américas, pois se a escritora se insere no campo da literatura francesa, que a tem reconhecido nos últimos anos, primeiro concedendo-lhe, em 1996, o Prix des Lycéens por *Instruments des ténèbres*, e, em 2001, ao sediar na Sorbonne Nouvelle o Primeiro Colóquio Internacional sobre sua obra, significativamente intitulado *Vision/division*, cabe também lembrar o famoso – e polêmico – prêmio recebido no Quebec, o Gouverneur Général, entre outros prêmios e convites, a exemplo do Colóquio Internacional Nancy Huston: Dialogues Transculturels, em maio de 2004, em sua homenagem, realizado em Calgary, sua cidade natal. No

Brasil, no entanto, são raras as investigações comparatistas a abordar a obra dessa escritora.¹

Na defesa, entre outras *variações* – alusão ao romance *Les variations Goldberg* (1981) –, a argüição levou Claudia Almeida a discorrer – com a segurança de uma “doutora no assunto” – a respeito da recepção da obra de Nancy Huston no Canadá e na França, do estatuto identitário do exílio pessoal e literário da escritora, que há três décadas vive entre Paris e a região do Berry, no interior daquele país. Uma questão sempre curiosa essa da pertença, sobre a qual Huston diz: “escolher, na idade adulta e por espontânea vontade, de maneira individual [...] deixar seu país e conduzir o resto de sua existência em uma cultura, uma língua, até então estrangeiras, é aceitar instalar-se para sempre na imitação, no fazer parecer, no teatro” (*Nord perdu*), afirmação que encontra seu paralelo em *Pseudo*, de Gary: “Tenho problemas com minha pele porque não é a minha”, ambas passagens adequadas para descrever esse “eu” ambíguo, plural, mestiço, que Gary buscou mascarar durante toda a vida, que Huston vem projetando na multiplicidade dos seus personagens, e que Claudia Almeida ilumina.

Ao desenhar um retrato do homem-múltiplo que ele foi e ao perguntar se *Romain Gary existe-t-il vraiment?*, estaria Huston sublinhando o temor de ser enganada, de ser levada pela “dança vertiginosa” das múltiplas identidades do escritor – Émile Ajar, Fosco Sinibaldi, Shatan Bogat? O escritor se casou com uma inglesa, Lesley Blanch, e mais tarde com uma americana, Jean Seberg. Afirmava falar sete línguas. Dizia-se judeu, embora sua judeidade só tenha sido parcialmente provada. Enfim, durante toda a vida, foi obcecado pela idéia do que Huston chama de “maravilhosa impostura”, de construir a imagem de outras vidas, desconstruindo a sua. Estes, assim como a distinção entre a ilusão da verdade, o falso da realidade, os inúmeros desdobramentos que Gary viveu, foram aspectos da tese discorridos durante sua defesa.

Os fantasmas da ventriloquia, essa “voz abafada, que parece vir do ventre”, “essa capacidade de falar movendo muito pouco os lábios para dar a impressão de que a voz vem de outra pessoa”² ressurgem em Huston no último romance, *Une adoration* (2003), e revela tanto o seu *engouement*

¹ O convite para que eu fizesse parte da banca de defesa de Claudia Almeida se deve às pesquisas realizadas nos últimos dez anos, durante os quais a obra de Nancy Huston vem sendo objeto de minha curiosidade e investigação, traduções, apresentações em congressos e publicações. Entre os artigos relacionados nas referências bibliográficas de *O túmulo aberto: Nancy Huston relendo Romain Gary*, salientaria *A feiticeira, personagem histórica e ficcional em três escritoras da América francesa*, tese defendida em abril de 2001, na UFRGS, vencedora em 2003 do Concurso ABECAN, na categoria Teses.

² Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001: 2843.

quanto o de Gary por essa estratégia. Esta metáfora da ventriloquia se constitui em um dos pontos altos da tese (: 43) e da defesa, na qual foi igualmente salientado o tom intimista do *tombeau*, que lembra o empregado pela autora em *Cantique des plaines*. Embora sua aplicação se apresente às vezes como um interrogatório – *Quelle langue parles-tu? Et ton nom au fait? Étais-tu seulement un écrivain français?* –, esse “tu” representa uma prova de reconhecimento de Huston em Gary: ao encontrar um interlocutor com quem se identifica em muitos aspectos, a escritora adota no ensaio em estudo uma perspectiva autobiográfica que busca a verdade no entre-lugar do ficcional e o real.

Na bibliografia selecionada, o *Boletim Les Mille Gary(s)*, publicado desde 1997 na França, foi comentado por Claudia mais detidamente. Também o foi a problemática da “língua da escritura” entre os exilados – na ocorrência, o francês – a questão lingüística, particularmente a da língua francesa no Quebec e no Canadá, e a da universalidade do francês. Isso para lembrar que a construção em língua francesa da “enunciadora” Nancy Huston, nascida em país oficialmente bilíngüe, anglófona em suas primeiras palavras, e a de Gary, bilíngüe, se não “de nascença”, ao menos em seu registro em russo e hebraico, é questão fundamental para ambos e se constitui em âncora, único lugar fixo de onde perscrutam outras facetas de si mesmos para entrarem e firmarem-se no campo da literatura (: 44). Desterritorializados, carregando fraturas iniciais, Huston e Gary optam por escrever em uma língua não-familiar. Sua *venue à l'écriture*³ está intrinsecamente ligada a uma *langue qui ne leur appartient ni d'origine, ni de droit, ni d'évidence*. Sendo bem mais difícil escrever na língua alheia, pode-se pensar que isso teria acontecido por julgarem-na mais bela, mais expressiva do que as respectivas línguas de origem, e por ser estrangeira, *étranha* o suficiente para estimular sua curiosidade. Ao buscar uma música, uma magia, o exílio lingüístico da narradora e do narrado nem sempre é vivido como um *handicap*.

A consciência de estar no exílio de Nancy Huston coincide com a época do suicídio de Romain Gary, cuja situação exilar – ponto de aproximação importante entre eles – apresenta seu paroxismo com a morte do escritor. Para dar o contraste que o humor exige, nada melhor que o olhar de uma escritora sobre os acontecimentos, a vida e a morte, pois o “simples olhar só vê as aparências e produz, de maneira inevitável, tolice ou fanatismo, ou, mais freqüentemente, os dois ao mesmo tempo”⁴. “O hu-

³ Hélène Cixous, em “La venue à l'écriture”, sugere: “escrever para não deixar lugar ao morto, para afastar o esquecido, para jamais se deixar surpreender pelo abismo. Para nunca se resignar, consolar ou revolver no leito” (1986: 11).

⁴ Minois, George. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Unesp, 2003: 305.

mor (segundo o próprio Gary) é uma afirmação da dignidade, uma declaração da superioridade do homem frente a tudo aquilo que ele sofre”.

Ao reiterar a alegria de poder dialogar com os colegas componentes da banca, professores doutores Ítalo Moriconi, Edson Rosa da Silva e Marcelo Jacques de Moraes, e de ouvi-los discorrer a respeito de *O túmulo aberto: Nancy Huston relendo Romain Gary*, uma produção particularmente significativa para mim e para os estudos da francofonia, cumprimento Claudia Maria Pereira Almeida, bem como a prof^a Dr^a Celina Maria Moreira de Mello, sua orientadora, pelo resultado alcançado. E a ambas por chegarem juntas, depois de um longo percurso, ao esperado momento conclusivo, *sommet* de uma trajetória intelectual atingida por raras e raros.

Em 2003, Nancy Huston, conforme ela própria diz, “saiu da quarentena”. Neste ano de 2004, comemoram-se os noventa anos de nascimento de Romain Gary. Ao aproximar esses dois autores aparentemente distantes, esta tese não apenas celebra essas datas, como ressalta a complexidade e a beleza dos cruzamentos no universo literário, acrescentando à bibliografia crítica de Nancy Huston e de Romain Gary uma incontornável referência, que Claudia Almeida e a UFRJ agregam hoje aos arquivos da Academia.

Nubia Jacques Hanciau
[FURG]
Presidente da ABECAN